

## CONTADORES DE HISTÓRIAS NA ESCOLA – TROCAS CULTURAIS ENTRE SALA DE AULA E COMUNIDADE

Maria Claurênia Abreu de A. Silveira  
UFPB – campus I

Este artigo discute sobre a importância de a escola estabelecer trocas culturais com a comunidade à qual presta serviço. Uma dessas trocas, fonte de questionamentos para este texto é a presença de detentores de saberes, entre eles os contadores histórias oriundos dessas comunidades. Observa-se que a valorização dessas ações culturais, não só fortalece a autoestima dos alunos mas também garante uma interação mais equilibrada entre escola e família, além de ampliar os acervos textuais que podem favorecer a diversificação de oportunidades de leitura, escrita e reescrituras dos textos vivenciados. Apoiando a discussão principalmente em Zumthor (1997) e Benjamin (1994), focaliza-se a ‘performance’ e o dado cultural como pontos principais para essa abordagem.

### **Contadores de histórias tradicionais ainda contam?**

Buscar os contadores de histórias em suas comunidades constitui uma atividade que dá a um só tempo prazer e trabalho. Se por um lado, as pessoas do lugar sabem apontar aqueles que detêm um repertório de textos orais, encontrar este contador é, mais que interessante, é instigante. Há também a possibilidade de o contador apontado já fazer parte do passado por morte ou por ter-se mudado daquela localidade, geralmente para uma cidade de maior porte, em busca de melhores condições de vida. Outras vezes, por ter passado muitos anos sem exercer o seu contar, por absoluta falta de oportunidade, por falta de público ouvinte, tal contador passa a considerar-se vazio de textos, crendo que as histórias que gostava de contar não despertam mais a curiosidade das crianças e deixaram de cair no gosto dos adultos, perderam-se na sua memória, “são coisa de outro tempo”.

Ajudar tais contadores a reorganizar os fios da sua memória e recuperar os textos que aparentemente estariam perdidos também constitui motivação para desenvolver uma busca

de textos orais entre contadores de histórias que muitas vezes nem se consideram como tal. Uma viagem para dentro de si mesmos lhes faz retornar a recantos da sua história de vida e reviver fatos que suscitaram tais textos, dando-lhe oportunidade de recuperar o texto e atualizá-lo no momento em que se mostra apto a trazê-lo de volta ao circuito do ouvir/ contar, do reviver/ falar/ ouvir que dá vida aos textos orais. Há entre estes os contadores que, reconhecidos na sua arte, conhecem o seu repertório e as possibilidades de adequá-lo e multiplicá-lo ao inesperado que se mostra durante o contato com seus ouvintes.

O fato de os contadores, considerados tradicionais, alimentarem seu repertório principalmente na própria ação de ouvir contar faz com que esses repertórios dependam da interação entre as pessoas que trocam textos através da voz. Nesses casos, basicamente o ouvir contar alimenta a arte do contador. Atrelado a isso, a manutenção dessa arte também se dá através da mesma via dupla. Para garantir um repertório oral dessa natureza, faz-se necessário que tal contador disponha de ouvintes para que seu repertório além de se manter, também venha a se ampliar, pois é através dessa via de mão dupla do ouvir/ falar que o contador tradicional mantém viva a sua arte da palavra.

### **O silenciar do contador tradicional**

Com a mudança nos costumes de se reunir para conversar que orientava a vida social de tantas comunidades, perdeu-se muito da oportunidade de trocar saberes, de narrar episódios onde estariam embutidas as normas de vida que orientariam as pessoas pertencentes àquele grupo. O contador de histórias, por saber lidar com a narrativa e emprestar-lhe o caráter de fio condutor das verdades preconizadas pelo grupo conquista o reconhecimento dos seus pares como detentor de um saber percebido como comunitário. A arte da palavra lhe garante prestígio pela capacidade de veicular não só o enredo da história, mas todo um saber popular que subjaz nas entrelinhas da narrativa, encerrando conselhos considerados úteis a todos da comunidade.

Walter Benjamin (1985, p. 197), no século passado, nos idos da década de 30, já preconiza o desaparecimento da arte de contar, de transferir sabedoria através do contar. O autor observa a dificuldade de se elegerem contadores nos grupos sociais. Afirma que “a

arte de narrar está em vias de extinção”, a exemplo de outros estudiosos, pesquisadores europeus que, em séculos anteriores, percorreram distâncias em seus países, coletando textos orais, principalmente contos populares, temendo o seu desaparecimento, já antevendo o silêncio do contador tradicional.

O receio de não se dispor de sábios narradores, que garantissem a manutenção da herança cultural, a transferência de saberes que identificassem os grupos e os fortalecessem nas suas tradições é referido por Benjamin (p.200) e faz com que o autor afirme que “a arte de narrar está definhando” e ainda considera que “esse processo vem de longe”. Pode-se prever o que se vivencia hoje, uma mudança de postura diante da arte de narrar, aqui visto na sua expressão oral.

Com as mudanças sociais que ocorrem no seio das comunidades, com o êxodo rural, em busca de melhores condições de vida, muitos contadores de história têm se dispersado do seu grupo de ouvintes, o que motiva o silêncio do contar, o silêncio causado pela falta de ouvintes. Tais condições sociais retiram a visibilidade do contador tradicional e deixam mais pobres de imaginação aqueles que poderiam se enriquecer com os motivos desenvolvidos nas histórias contadas e/ ou ouvidas. Essa distância dos ouvintes atingiu tantos contadores que praticamente acreditou-se não existir mais esse contador cuja formação se constrói durante toda a sua vida como ouvinte/ contador, uma vez que aprende a contar ouvindo outros contarem, em reuniões em que o contar transforma-se no centro das atenções, quando a troca de informações se mistura aos tantos contos que ilustram a conversa.

### **Os novos contadores**

Os contadores que vão se tornando mais conhecidos hoje são aqueles que formam o seu repertório através da leitura dos textos publicados, histórias que chegam ao livro como registro de acervos orais de contadores de história, muitos deles já silenciados ou pela morte ou pela falta de ouvintes para suas histórias. Os pesquisadores da oralidade, registrando textos quase à exaustão, compuseram um acervo considerável de narrativas disponíveis para serem lidas, organizadas de forma a despertar o interesse de uma variada gama de leitores.

A mudança de costumes já mencionada pela estruturação das sociedades industriais, a consequente dissolução dos costumes tradicionais rurais nos novos locais de moradia foram fatores que provocaram uma retração da atividade de contar. A industrialização da economia mundial tende a marginalizar atividades como a de ouvir/ contar histórias nos moldes tradicionais. Pode-se afirmar que o conto permaneceu por algum tempo à margem dessa civilização industrial. Passou a alimentar a chamada grande literatura que vem explorando elementos dessa cultura oral, transportada para a escrita.

A ausência da atividade do contar revelou a necessidade de restabelecer funções para o imaginário e o fantástico, fundados na objetividade que orienta as sociedades industriais avançadas. Surgiram dessa lacuna os novos contadores de histórias, os profissionais do conto como expressão cultural em formação, a princípio buscando repertórios nos acervos orais registrados em coletâneas de textos publicados. Procuravam reatualizar repertórios, escolhendo manter uma especificidade de repertório em presença, reconhecendo a importância da atividade de ouvir/ contar. Apresentaram-se como fundamentos para o surgimento do novo movimento que pretendia uma dimensão didática e política da narração. Os novos contadores buscavam trazer de volta uma expressão artístico-literária-teatral que parecia ter morrido e essa falta só poderia ser preenchida com uma atividade da mesma natureza que viesse preencher a lacuna do simbólico deixada pelo ouvir/ver/contar.

Na França, por volta dos anos 60 começam a surgir os chamados 'nouveau conteurs'. Estabeleceram-se como movimento organizado a partir de 1968. animados pelos slogans políticos da época, exigindo que a imaginação exercesse o poder que lhe era devido (l'imagination au pouvoir) pintados nos muros de Paris, reuniram-se a convite de Bruno de la Salle (o primeiro a assumir o status de 'novo contador') os primeiros homens e mulheres, novos contadores. No início eram menos de 20 e desses, somente três eram profissionais. Nesse primeiro encontro formal, quando discutiram propostas de ação, mostraram repertórios e performances, encorajaram trabalhos em projeto, trocaram informações, lançaram o movimento, a princípio ligado ao folclore, a movimentos regionalistas interessados em reabilitar as artes populares. Os novos contadores buscavam restabelecer a oralidades de uma proposta de evolução do gosto estético. O caráter performático das apresentações enseja uma ligação com a arte, exibindo variedade de práticas artísticas. A

música, a dança, o gestual, um cenário poderiam ser incluídos na performance do contador, desenhando o seu estilo de apresentação.

Verônica Görög (1982, p.96) traçando um histórico do surgimento de trajetória e da trajetória de atuação dos ‘novos contadores’ estabelece hipóteses sobre como se caracteriza um movimento cultural. Segundo a sua análise, o novo contador, no seu papel particular de artista, cada um apresentando identidade própria, endereça o seu trabalho a um público específico. Essa diversidade é buscada, uma vez que os novos contadores desejam alcançar um número cada vez maior de pessoas que participem do contar. Buscam formar um público fiel que participe das performances. Muitos novos contadores aproximavam a orientação das suas performances às dos contadores tradicionais, procurando uma interação com o público, podendo este contar também. O contar participativo é assim visto como uma das formas mais democráticas de socialização comunitária. Essa experiência do contar é então proposta como uma ruptura com as formas consagradas de veicular a arte.

A diversidade de artistas amplia as expectativas em relação ao público que, demonstrando uma multiplicação de escolhas cada vez maior, abre campo de trabalho para muitos artistas. Um público escolarizado com tempo disponível para atividades artísticas cresce à proporção que as leis sociais diminuem o tempo de trabalho, a expectativa de vida aumenta e cresce inclusive o número de pessoas que podem ter a carga horária de trabalho reduzida. A organização das bibliotecas, as escolas, os clubes de terceira idade, a rua. Esses foram os espaços a princípio propostos pelos novos contadores para exercer a sua arte e essa prática tem sido mantida e a partir daí ampliada, uma vez que o público para essas performances não para de crescer.

O repertório de textos desses artistas contadores é alimentado pelos acervos de narrativas coletados pelos estudiosos do conto. Muitas das histórias, são oriundas de repertórios de contadores tradicionais que chegam aos novos contadores através da leitura, passam a enriquecer o acervo de histórias contadas pelos artistas contadores. A leitura sistemática das narrativas de caráter oral leva alguns dos novos contadores a reescrever histórias como parte do seu próprio repertório, o que caracteriza ou a manutenção da transmissão das narrativas orais ou a apropriação indevida desses textos. Os contadores tradicionais aprendem a maioria das histórias que fazem parte do seu acervo ouvindo de outros contadores e recontam oralmente, mantendo a tradição da oralidade. Os novos

contadores recebem a maioria dos contos da versão escrita e o devolvem oralmente e por vezes por escrito, o que denota a inserção do contar no universo da escrita.

No Brasil, essa atividade do contar como arte tem tido o seu lugar, não como movimento cultural como na França, mas como atividade artística que por sua característica de apelo ao imaginário auxilia no desenvolvimento do trabalho de incentivo à leitura realizado por escolas, bibliotecas públicas. Desenvolve-se para isso um trabalho de formação de contadores de histórias, dentro dos padrões de exigência do público alvo do ‘novo contador’. Esse trabalho de formação de contadores tem atravessado fronteiras. No âmbito da escola, no que se refere ao incentivo à leitura, as possibilidades de ação dos novos contadores tem crescido cada vez mais. Professores que se designam contadores de história têm se reunido com outros profissionais, também dedicados à atividade do conto, organizaram em 1999 um Festival Internacional de Narração Oral na Argentina e deram as coordenadas do seu trabalho com narração oral: *“não contamos histórias para as pessoas e sim com as pessoas”*.

Desde então, congressos que reúnem contadores de histórias, muitos desses contadores já profissionais, têm ocorrido pelo mundo e especificamente no Brasil. Nas escolas essa arte tem encontrado abrigo, resultado das experiências bem sucedidas com as ações que envolvem atividades de contar histórias. Assim, observa-se que dia após dia ampliam-se as formas de contar, os ambientes onde se contam histórias, as pessoas envolvidas com a arte de contar histórias, entre outras formas de dizer.

No caso dos novos contadores, isso também é feito através das técnicas utilizadas para envolver o leitor na narrativa. Quando o objetivo do contar é levar o livro ao leitor, a performance conta com este componente: a apresentação do livro, mencionado ou mostrado com o intuito de despertar nos ouvinte a vontade de ler a história. Para Zumthor (1997), a performance encerra a interação, no ato de fala de quem fala e quem ouve. Pressupõe participação, recepção de quem ouve e assim participa dessa ação de falar. Subentende que quem conta é acolhido por quem participa da audição e envolve-se com o ato de contar.

Nesta atividade de contar histórias para incentivar a leitura, quem escolhe o livro e a história a ser apresentada é o contador ou a equipe contadora. Tudo já é apresentado em uma sequência pré-determinada, o que escapa, quase sempre, à escolha dos ouvintes. O que orienta o contar é prioritariamente a história. O contador é nesse caso um agente de

propaganda do livro, uma voz a serviço da leitura. A orientação dada nos treinamentos é que *“o contador precisa desaparecer em benefício da história”*. E para isso o disfarce: a capa, o chapéu, a cara pintada e tantos artifícios para dar à performance a característica de espetáculo. O contar dos novos contadores, o novo contar para uma sociedade urbana ganha características do contar ligado a atividades de leitura, de onde cada conto chega ao leitor pelo prisma da escrita.

A transmissão dos textos através da oralidade já foi qualificada como um aspecto do analfabetismo ou semianalfabetismo (Sébillot, 1997 [1880]). Por outro lado, o fato de ter uma significação não só para os analfabetos, mas inclusive para os eruditos, faz com que a opinião de Paul Zumthor sobre esses textos pareça mais adequada. Na sua concepção, *“oralidade não significa analfabetismo”*, o que aponta para o fato de que saber contar histórias revela uma capacidade de lidar com a palavra, de transformar o falar em narrativa, *“na concretude da voz que nos faz tocar as coisas”* (Zumthor, 1993, p. 9). Para este autor, a narrativa é constituída por um aspecto fundante do ser humano. Citando Pierre Janet, Zumthor (1997, p.52) afirma que *“o que criou a humanidade foi a narração”*, reconhecendo a importância de que se reveste a atividade de um contador de histórias.

### **A escola como espaço do contar**

Como espaço criado para funcionar na divulgação da cultura e do conhecimento, a escola arvora-se o direito de ditar regras e eleger textos a serem veiculados ou não no âmbito da sala de aula. A escola que se diz apoiar na vivência do aluno, muitas vezes alheia-se dos interesses da comunidade à qual presta serviço e não considera as expressões da cultura que estão vivas nesse ambiente. As famílias, muitas vezes, guardam artistas da palavra, como poetas populares, contadores de histórias, cantadores, brincantes que a escola nem toma conhecimento e por isso não acolhe, deixando de estabelecer uma rica integração entre os saberes que circulam entre os alunos e aqueles que a instituição pretende disseminar.

Esses contadores de histórias, oriundos das famílias dos alunos, poderiam levar para a escola o seu saber, a sua performance, tradicional ou não. Artistas da palavra, viriam a funcionar como ponto de interação comunidade/ escola, tão necessário para a boa

convivência da escola com a casa dos alunos. Permitir a presença da palavra contada e muitas vezes cantada da comunidade na escola é favorecer a aprendizagem da fala, a possibilidade da escuta, tão necessárias aos projetos que visam ao desenvolvimento das aptidões de comunicação.

Em muitas salas de aula por este Brasil afora os alunos e professores ainda sofrem pela falta de material impresso para se utilizar nas atividades de leitura. A presença ativa de um contador de histórias, de repertório variado e boa capacidade de comunicação, favorece igualmente a escrita e a leitura, uma vez que “fornece material” importante para a discussão de temáticas que interessam os participantes e componentes da comunidade dentro e fora da escola. Os textos apresentados oralmente podem, até facilmente transformar-se em textos escritos, reescritos, dando origem a outros textos recriados pelos alunos. Podem, por outro lado, favorecer performances teatrais, representações em forma de outros gêneros, a partir de outros suportes textuais, que tiveram, nesse caso, seu nascimento na voz do contador.

Nesse universo de ensinar e aprender a falar, ouvir, ler e escrever muitas linguagens se entrelaçam e assim definem formas de expressão linguística. Contar histórias, dizer textos outros, proclamar notícias, publicar (no sentido de tornar público, falar) poemas podem constituir oportunidade ímpar de intercambiar conhecimentos. A ação do contador de histórias se expressa através da performance. A sua comunicação realiza-se através da fala expressiva. Mesmo sem dominar as convenções linguísticas, o seu repertório lhe confere autoridade no falar e o seu discurso passa a ser autorizado, por apresentar coerência no sentido do texto.

O muito acontece é que esse contador, oriundo do meio onde as crianças habitam, detém um vasto repertório de textos orais mas, pela sua condição de iletrado (sem formação escolar considerada compatível com a condição de interagir em uma sala de aula) não domina as regras gramaticais e comete erros de pronúncia e concordância no falar. Por essa condição, a escola o deixa fora da sala de aula, rejeita a sua presença, em nome de uma linguagem culta que muitas vezes não habita a sala de aula, em uma clara referência de que aquilo que vem dos alunos não é valorizado pela escola. Esse contador de histórias que é reconhecido pela comunidade não o é pela escola. As crianças interpretam que aquele contar não tem valor. Esse posicionamento, muitas vezes, faz silenciar vozes na comunidade que poderiam fortalecer não só o grupo comunitário mas também a própria



escola como instituição cultural, cuja função é também fortalecer culturalmente a comunidade à qual presta serviço.

Ouvir falar, contar, dizer os textos são formas aproximadas de ensinar/ aprender. No ensino aprendizagem da fala, da leitura, da expressão oral o exemplo é determinante, daí a importância de o(a) professor(a) ler com expressividade para que seus alunos ouçam. O contador de histórias, com sua fala livre de amarras e ao mesmo tempo presa a um enredo, a um texto armazenado na memória, demonstra a sua capacidade de falar ao cérebro e ao coração. Enquanto o contador interage com os ouvintes e os textos, os seus ouvintes interagem também com suas vivências, com suas possibilidades de também atuar, de mostrar seu saber ou mesmo de unicamente ouvir e divertir-se, aprender.

Diferentes são as concepções de performances entre os contadores tradicionais e os “novos contadores” no que se refere aos ouvintes, às fontes de alimentação dos seus repertórios, aos modos de se relacionarem com o ambiente, aos objetivos das reuniões com os ouvintes, ao tempo de duração de cada sessão, entre outros fatores que possibilitam acontecer a atividade de ouvir/ contar histórias. Tantas diferenças se equiparam em um ponto comum: o fato que mesmo mudando as motivações, sempre haverá interessados em uma boa conversa, passíveis de se voltar para uma atividade fundadora como a de ouvir e/ ou contar histórias.

### **Referências:**

BENJAMIN, Walter. (1985). O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: - **Magia, técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1).

SÉBILLOT, Paul. (1978) [1880]. **Littérature Orale de la Haute Bretagne**. (Les Littératures Populaires de Toutes les Nations – traditions, legends, contes, chansons, proverbs, devinettes, superstitions). Paris: Maisonneuve e Larose; t.I.

GÖRÖG- KARADY, Verônica. (1982) Qui conte em France aujourd'hui? In: CAHIERS DE LITTÉRATURE ORALE – Conteurs. n° 11. Paris, Langues'O (p. 95-122).

ZUMTHOR, Paul. 1997. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia D. Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec. (Linguagem e Cultura). n° 28.